

Conversação “Amor e sexo na adolescência”

Dupla coordenadora: Viviana Cammilli, Débora Nitzcaner

Integrantes: Martha Abossio, Daniel Abraham Aksman, Dolores Amden, Natalia Andreini, Gerardo Battista, Gastón Cottino, Perla Drechsler, Paola Gutkowski, Guillermo Adrián López, Ludmila Malischevski, Nicolás Mascialino, Alma Pérez Abella, Alberto Saúl, Silvia Pino, Tomás Verger.

A convocação para trabalharmos sobre o tema “Amor e sexo na adolescência” nos impôs o desafio de articulá-lo à aposta deste X ENAPOL: “O novo no amor. Modalidades contemporâneas dos laços”. A partir do trabalho realizado, estamos em condições de dizer que a prática com adolescentes exige que reinventemos a posição do analista e nossas intervenções, tanto por seu funcionamento quanto por seu sentido. Escolhemos nos orientar pela via do sintoma, em sua dimensão de corpo falante.

O novo no amor foi lido à luz de duas perspectivas. Nas novas formas significantes da época que promovem identificações, e nas formas sintomáticas, pela sua diferença do que implica fazer uma experiência do inconsciente, onde encontrar o singular da própria língua.

Embora os analistas leiam os eventos contemporâneos, na prática nos interessamos pelo alcance do traumático do gozo. Somente quando é alcançado e experimentado sob transferência, podemos dizer que estamos sob o registro do singular. De que forma a experiência analítica subverte o mal-estar de um sujeito adolescente?

Despertar pulsional - buraco no real

“Assim um dramaturgo abordou, em 1891, a história do que é, para os meninos adolescentes, fazer amor com as mocinhas, assinalando que eles não pensariam nisso sem o despertar de seus sonhos”¹

¹ Lacan, J. “Prefácio a *O despertar da primavera*”, In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p.557.

O primeiro momento de nossas conversações ficou marcado pela leitura de Lacan sobre o texto “O despertar da primavera” de Wedekind. Dos signos traçados pelo dramaturgo, J. Lacan aponta em seu Prefácio que... trata-se da questão do que é para os homens fazer amor com as mulheres, revelando a relação do sentido com o gozo fálico. E que "o que Freud demarcou daquilo a que chama sexualidade faça um furo no real, eis o que se percebe pelo fato de que, como ninguém escapa ileso, as pessoas não se preocupem com o assunto"².

Em 1973 Lacan propôs que os ritos de iniciação se perderam há muito tempo, já não existem ritos, não há uso da "técnica do corpo"³ que servia para abordar o gozo. A partir de uma referência posterior, nos perguntamos de que maneira, diante da ausência de iniciação, a orientação indicada é que “o falo, se o integra”⁴. Faz-se necessário que na "ausência de iniciação, se seja homem ou se seja mulher”⁵.

As diferentes leituras freudianas nos levaram a conceituar a sexualidade como dois momentos de irrupção do gozo fálico. Na infância primeiro, e na puberdade como segundo momento, no encontro com o Outro sexo. Momento em que o fantasma é posto à prova, perante um não saber com o qual um sujeito terá de enfrentar e que determinará o sintoma de cada um. Qual é o destino dessa irrupção pubescente, desse gozo fálico, em termos de poder canalizar em atos de desejo? Será que, para o adolescente, trata-se de um novo destino de gozo? "A adolescência como sintoma da puberdade”⁶ é um momento em que o sintoma assumirá diferentes formas.

O discurso da ciência e os avanços tecnológicos arrasaram com os limites simbólicos sustentados pelo Nome do Pai. Nesse contexto, é possível pensar nos jovens de hoje que habitam um mundo -o digital- que se tornou um hiperespaço de possibilidades, com a ilusão de um ilimitado. Diante da queda do Ideal paterno, os jovens encontram nas redes um lugar onde tentam se amarrar a um fantasma com as dificuldades que isso apresenta.

² Lacan, J. “*Prefácio a O despertar da primavera*”, In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p.558.

³ Lacan, J., *Seminário 21, Os não-tolos erram*. Aula de 20 de novembro de 1973. Inédito. p. 46

⁴ Lacan, J., *Seminário 26, A topologia e o tempo*, Aula de 16 de janeiro de 1979. Inédito.

⁵ *Ibidem*.

⁶ Stevens, A., “La adolescencia, síntoma de la pubertad”, *Actualidad psicoanalítica. Psicoanálisis con niños y púberes*. Buenos Aires. Centro Pequeño Hans-Ediciones Labrado, pp. 28.

Os jovens enquadrados nas patologias do ato se mostram inibidos ou passam ao ato repetidamente dependendo de qual dos dois termos do fantasma se está privilegiando. As adições, a hiperatividade, angustias e fobias diante do encontro com o Outro sexo são as formas em que se apresentam.⁷

As modalidades contemporâneas de laços nos levaram a investigar a criação do Ministério da Solidão no Japão, como um sintoma social. Conversamos com Julián Varsavsky, autor do livro *Japón desde una cápsula*⁸ através de uma reunião de zoom⁹, e ele descreve como a sexualidade nada mais é do que "um por um". Ele se pergunta sobre as formas de laço nessa cultura, onde existe uma indústria do sexo para pessoas solitárias e onde cada vez mais se evita o encontro amoroso.

Em se tratando da pornografia, de que gozo se trata? J.-A. Miller ensina que “de Vitória ao pornô, não apenas passamos da interdição à permissão, mas à incitação, à intrusão, à provocação, ao forçamento. O que é o pornô senão uma fantasia filmada com uma variedade própria para satisfazer os apetites perversos em sua diversidade?”¹⁰. Perguntamo-nos, então, sobre a função do pudor que recai sobre o privado, sobre a singularidade de um gozo. No despertar pulsional de um sujeito adolescente, o que fica exibido quando seu véu é levantado é o objeto *a*.

Por trás dessa sociedade hiper-moderna, coexistem as raízes de uma cultura confucionista milenar auto-regulada misturada com o capitalismo mais férreo, onde a empresa é o coletivo maior. As crianças desde muito novas são colocadas num discurso universitário extremamente exigente para ter acesso aos cargos que as esperam no futuro. As mães são responsáveis pela gestão da educação e o *salaryman*¹¹ - os pais - dificilmente veem os filhos crescerem. Os *hikikomoris*, são os jovens que se excluem e se trancam em seus quartos e podem se isolar por anos, “ficando de fora”, por não conseguirem sustentar seus corpos diante das demandas escolares.

⁷ López. G., *Adoles(seres). La orientación a lo real en la clínica psicoanalítica con adolescentes*, Buenos Aires, Grama, 2019.

⁸ Varsavsky, J., *Japón desde una cápsula. Robótica, virtualidad y sexualidad*, Buenos Aires, Adriana Hidalgo editora, 2019.

⁹ Disponível em: <https://youtu.be/EI9PO1AXIaw>

¹⁰ Miller, J-A. *O inconsciente e o corpo falante*. Disponível em: <https://www.congressoamp2016.com/uploads/abeaf2fa1ca41710e5a2eeb1fbc9c4035d1ecd6e.pdf>

¹¹ Trabalhador executivo de classe média.

A abordagem da cultura japonesa demonstrou o alcance do que implicam “invenções dos sujeitos que se segregam por uma demanda de inclusão que produz efeitos de reação muito fortes”¹².

O Ideal de pureza interior milenar exige deles um esvaziamento do desejo e, em seu lugar, são produzidos modelos a partir dos quais encontram uma identidade e uma forma de agrupamento. Modelos e traços que ganharam presença a nível global entre os jovens. A cultura *Otaku*, seguidores de histórias em quadrinhos, de *Mangá* ou *Animé* com sua extensão para *Cosplay* em seu gosto por encarnar seus personagens favoritos. Ou a chamada geração herbívora, que opta por uma vida sem sexo.

No encerramento das Jornadas de Cartéis¹³, Lacan argumenta que a lição do caso Pequeno Hans é a articulação da angústia no momento em que "um homenzinho ou uma futura mulherzinha se dá conta de que está casado com seu pau e que se infla quando se percebe que ali não há nada melhor para fazer o falo"¹⁴. Razão pela qual tudo o que permite escapar desse casamento, Lacan nos diz, “é bem-vindo” e acrescenta “disso decorre o sucesso da droga”. É o caso dos jovens que consomem *Viagra* com a ilusão de que o órgão funcione sozinho, e de fazer um gozo "sem limites" entrar no corpo, impossível que só os leva a repeti-lo em excesso.

Quando Lacan coloca aqui que "não há nada melhor para fazer o falo", dá um passo além e aponta "o que é obviamente uma complicação ligada ao fato do nó, à *ex-sistência*, cabe dizê-lo, do nó"¹⁵. Essa afirmação, muito clínica aliás, nos dá a possibilidade de ir além da função específica que conferiu à droga e antecipar a evidência dos novos modos sintomáticos sem a referência do falo.

O sintoma, a partir do último ensino, apresenta-se sob o estatuto do acontecimento de corpo, e os gozos se repartem para homens e mulheres. O inconsciente como elucubração de saber sobre *Lalíngua*, o que sabe é gozar fantasmaticamente. No nó, o

¹² Laurent, E., *El niño y su familia*, Buenos Aires, Diva, año 2018, p. 16.

¹³ Lacan, J., “Cierre de las Jornadas de Estudio de Carteles de la Escuela Freudiana” *Revista Lacaniana*, número 17, Buenos Aires, Grama, 2014. p.16

¹⁴ Lacan, J., “La tercera”, *Revista Lacaniana*, 18, Buenos Aires, Grama, año 2015, p. 23. Em português disponível em:

<http://pharmakondigital.com/encerramento-das-jornadas-de-estudos-de-carteis-da-escola-freudiana/>

¹⁵ Lacan, J., “Cierre de las Jornadas de Estudio de Carteles de la Escuela Freudiana”, *Revista Lacaniana*, número 17, Buenos Aires, Grama, año 2014, p.16. Em português disponível em:

<http://pharmakondigital.com/encerramento-das-jornadas-de-estudos-de-carteis-da-escola-freudiana/>

sintoma se enlaça por duas vias, ao gozo fálico -fora do corpo- e ao imaginário por onde veicula um gozo Outro: um gozo no corpo que Lacan denomina “o gozo da vida”¹⁶.

Esboços sobre um novo amor

A clínica nos permitiu interrogarmo-nos acerca das soluções singulares e o modo de intervenção analítica que pretendeu torná-las possíveis. A adolescência como sintoma mostra o despertar do corpo como verdadeiramente Outro. No encontro com um analista, abre-se a possibilidade de uma experiência orientada a favorecer um novo uso do saber sobre o corpo que cada um traz em forma de fracasso, para obter, não progresso, mas “sentir-se melhor”¹⁷.

- A. *Tóxica*: Uma garota de 16 anos consulta porque não quer ser “tóxica”. Ela sofre de ciúme desde que o namorado a magoou. Ela relata que chora todos os dias por diferentes situações em que o Outro sempre a magoa. Oscila entre dar pena, magoar e ser magoada¹⁸. A interpretação equivocada esse significante e a paciente evoca uma lembrança encobridora. Localiza uma cena de infância em que ela foi hospitalizada por uma doença que colocou sua vida em risco. Cada vez que em uma reunião familiar eles se lembram desse evento, todos choram. Ela traz um sonho em que uma amiga a vê chorar, envergonhada ela diz “me dá prazer que me vejam sofrer”. Desse modo, aquela área escura de seu gozo começa a sobressair e a responsabilidade subjetiva começa a emergir. Introduce-se um dique ao choro e com ele a pergunta acerca de um amor que vá além da mágoa e do magoar. O amor de transferência permite esclarecer as condições do amor, do desejo e do gozo, pois a transferência demonstra as próprias condições do apaixonamento, ao mesmo tempo que revela as ficções que o sujeito inventou para tornar possível o laço amoroso.

¹⁶ Lacan, J., “La tercera”, *Revista Lacaniana*, 18, *op. cit.*

¹⁷ Lacan, J., *Seminário 24, L’Insu Que Sait De L’Une Bévüe S’aile À Mourre*, p.17. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1zeBsxGksxelTy-JqMSfaNyUjl3EBJooD/view>

¹⁸ No original: “Sufre de celos desde que el novio la **lastimó**. Relata que llora todos los días por distintas situaciones en las que siempre el Otro la **lastima**. Oscila entre **dar lástima**, **lastimar** y **ser lastimada**”.

- B. O *autodidata*. Um jovem de 17 anos com notável fracasso escolar é levado a uma consulta por permanecer preso e sem vida social, seus colegas vão muito rápido, embriagam-se e ele não consegue acompanhá-los. Seu corpo se apresenta desajeitado, quase sem falar, um dizer armado de palavras idênticas a si mesmas, sem ancoragem. No mesmo ponto em que é desqualificado pela mãe, é valorizado pelo analista, que percebe que seu interesse pelo futebol introduz uma descontinuidade nesse confinamento decorrente de uma mudança de país. A sua inserção num fórum de torcedores de seu time permite-lhe uma âncora simbólica, até produzir num sonho sob transferência um escrito, “Vélez¹⁹, pelo simples fato do amor, assinado, o autodidata”. A partir daí, cria uma nova página na internet com seus amigos virtuais, faz uma tatuagem em seu corpo com o escudo do time de futebol que o levará a encontros presenciais.
- C. *Adoptar-se a si mesma*. Trata-se de uma jovem de 17 anos que sofre de inúmeros sintomas no corpo devido a uma doença que negligencia. Uma tendência mortífera que se impõe com repetidas auto-censuras e auto-depreciação. Essa rejeição mortal e a função que essa doença cumpria foram as perguntas do analista desde o início. Essa jovem escrevia desde os 13 anos para acalmar seu mal-estar, mantendo seus escritos em caixas que ela nunca mais voltava a abrir. É pelo interesse do analista que ela os traz e os deixa com ele, escritos com os quais ela "tentava se vestir de palavras". Na medida em que os sintomas celíacos cessam, aumenta o consumo de álcool e uma metonímia desenfreada de encontros com homens com os quais "não sente nada". Aí ganham dimensão vozes ameaçadoras, murmúrios que já existiam desde a infância e cortes no corpo indicavam uma queda do imaginário corporal. É assim que criar um blog pessoal assinado com seu heterônimo, por meio do qual se consolida seu dizer "Eu sou o que escrevo", registra a solução que permite que seu corpo ganhe consistência. Desenhar sua roupa foi a maneira que encontrou para "vestir seu corpo".

¹⁹ Vélez é o nome de um time de futebol argentino

D. *Plano B*. Uma jovem de 17 anos sente um peso no corpo que a impede de se mover, uma barreira, ela não pode ir à escola, onde tinha se saído bem até então. Teve várias crises em que "deixa de ser ela", atira objetos e grita até ficar exausta. A analista propõe que ela elabore um plano B diante do que a paralisa e M. o recebe com entusiasmo, acompanhando um caminho de invenção: se o plano A do Nome do Pai não funciona, é preciso ter um plano B. Ela inventa seu método intuitivo de três etapas: 1, pausa, 2, mãos à obra e 3, deixar-se influenciar pela experiência. A questão de como vincular-se com seus pares introduz o tema do amor e da relação sexual. A cada embate do real, aplicando o plano B, abre um parêntese para colocá-lo ao trabalho da elaboração. No plano do amor e da relação sexual, a "experiência", a terceira etapa de seu plano B, é impossível no momento. "Seria bom desbloqueá-lo, mas não por agora, talvez um dia sim".

Hoje, na clínica com os jovens, constatamos que o Nome do Pai não é suficiente para responder aos sintomas que eles sofrem. É por meio do sintoma - proposto por Lacan em seu último ensino - que podemos pensar como operar sob transferência para atenuar o mortificante do gozo fálico. Um gozo fora do corpo que exige sempre mais, para ter acesso a um Todo fálico que, embora a castração limite, relança seus efeitos mortificantes na adolescência. Se há um "Outro gozo", como fazê-lo funcionar pelo seu valor operativo? Só podemos verificar isso no caso a caso. Se a interpretação se dirige ao equívoco para produzir um sentido que não seja fálico, ela desloca o gozo mortificante e produz outro acordo de gozo. Um novo amor em transferência que ressoe no corpo, produzindo nele um Outro gozo e, conseqüentemente, um novo modo de amarração sintomática.

(...) como diria Lacan, com um novo amor; uma nova transferência para um novo tipo de Outro.

20

²⁰ Miller, J.-A., "Un sueño de Lacan", *Revista Lacaniana*, número 15, Buenos Aires, Grama, 2013, p.19.

Leituras

Argumentos ENAPOL, <http://x-enapol.org/argumentos/>

Brodsky, G. Ponencia presentada en la segunda conversación hacia el X ENAPOL, “Revalorización del amor” <http://x-enapol.org/blog/portfolio-items/un-amor-mas-digno/>

Indart, J. Entrevista

<http://x-enapol.org/blog/portfolio-items/entrevista-a-juan-carlos-indart/?portfolioCats=21>

Freud, S.

“Tres ensayos de teoría sexual” (1905), *Obras completas*, vol. VII, Buenos Aires, Amorrortu.

“El sepultamiento del complejo de Edipo” (1924), *Obras completas*, vol. XIX, Buenos Aires, Amorrortu.

“Algunas consecuencias psíquicas de la diferencia anatómica entre los sexos” (1925), *Obras completas*.

Tomo 7. Buenos Aires, Amorrortu.

Lacan, J.

La significación del falo. En Escritos 2. Siglo XXI. Buenos Aires

El Seminario, Libro 6, El deseo y su interpretación, Paidós, Buenos Aires, 2016, p. 270 y 429.

El Seminario, Libro 10, La angustia, Paidós, Buenos Aires, 2006, p. 47.

R.S.I. Seminario 22. Clase 11/03/1975 (inédito)

Miller J.-A.

La literatura dice “basta con el padre, en <http://www.telam.com.ar/notas>.

En dirección a la adolescencia. En *De la infancia a la adolescencia*. Buenos Aires. Ed. Paidós.

Hamlet o la desesperación y la libertad, en *Un comienzo en la vida. De Sartre a Lacan*, Editorial Síntesis, Madrid, 2003. p. 54.

Laurent, E.

Interpretar la psicosis. ¿Cómo se enseña la clínica? Cuadernos de ICdeBA nº 13. Bs. As. 2007. p.74.

Conferencia ha sido pronunciada en diciembre de 1988 en el marco del Campo Freudiano, en Bruselas.
Revista Pharmakon Digital

<http://pharmakondigital.com/tres-observaciones-sobre-la-toxicomania/?lang=es>

Cómo tragar la píldora. Ciudades analíticas, Ed. Tres Haches, 2004, p.37.

Reflexiones sobre tres cuestiones del feminismo con la no relación sexual “Conferencia en el Palais Rouge de Buenos Aires. 4 de diciembre 2019.

<https://radiolacan.com/es/podcast/conferencia-en-el-palais-rouge-de-buenos-aires-reflexiones-sobre-tres-cuestiones-del-feminismo-con-la-no-relacion-sexual/3>

Tradução: Tainã Rocha